

*Antes que uma homenagem ao ilustre Professor Dr. Heron Santana Gordilho e aos seus discípulos, mestrandos Tangre e Tagore Trajano, o agradecimento por parte de seus discentes pelos ensinamentos das “primeiras alíneas” em defesa do meio ambiente e o reconhecimento por essa sua luta em defesa das minorias estigmatizadas do nosso país e pela brilhante luta pioneira em favor da defesa dos direitos dos animais.*

*Edson Oliveira*

# DIREITO À ESCUSA DE CONSCIÊNCIA EM EXPERIÊNCIAS COM ANIMAIS<sup>1</sup>

Tom Regan<sup>2</sup>

*PEDIDO DOS ANIMAIS*

*Se servimos para aplacar a tua solidão...  
Se servimos para que se sintas importante quando volta pra casa...  
Se servimos para lamber as tuas lágrimas quando estás triste...  
Se servimos para que não passeis sozinho ao final da tarde...  
Se servimos para proteger da violência do seu semelhante...  
Se servimos para proteger teus filhos quando não estais por perto...  
Se servimos para que o teu coração não seja o único a bater em sua casa...  
Se servimos para que te divirtas brincando...  
Se servimos para alegrar o seu silêncio com nossas vozes...  
Se servimos para que a tua mão afague um pelo macio  
Se servimos para que carregue alimento e trabalho em nossas costas...  
Se servimos para que seus olhos se encham com a beleza de nossas plumas...  
Se servimos para chorar a tua morte quando não tens mais ninguém para chorar por ti...  
Então ... Não nos maltrate!!!  
Não desconte tua tristeza em nosso frágil corpo...  
Não nos abandone a própria sorte ...  
Não te afastes tanto, de forma que não consigamos mais te encontrar!  
Respeite nossos sentimentos ... pois todos nós, considerados irracionais, temos sentimentos ...  
... Basta olhar bem dentro dos nossos olhos ...  
... E verás que lá está escrito tudo que aqui foi dito!!!  
Cuide de mi e dos meus filhos ...  
Como cuida dos teus ...  
Pois cuida de ti e dos teus filhos  
Como cuida dos meus...  
Seja meu amigo e te serei eternamente grato !!!  
E o dia que eu partir ...  
Chore de saudade ... e não de arrependimento por ter me maltratado!  
Somos um cão ... Um gato ... Um cavalo ... Um pássaro ...  
Enfim ... Somos todos os animais do mundo ... Todos ... e Todos que aqui estamos...  
Pelas mãos de Deus!!!  
Respeite!!! Conscientize!!! Cuide!!!  
“Quando o homem aprender a respeitar todos os seres da criação,  
ninguém precisará ensiná-lo a amar seu semelhante.”*

*Autor desconhecido*

<sup>1</sup> REGAN, Tom. **The struggle for animal right**. 1. Tratamento de Animais dos Estados Unidos. 2. Experimentação Animal – Estados Unidos. I. Título – Students’ Rights in the Lab, pág 136 a 151. Internacional Society for Animal Rights, Inc. Clark Summit, PA, 1987.

<sup>2</sup> Tradução de Edson Santos de Oliveira, acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade federal da Bahia.

Um tema comum em minhas falas nas universidades é que existem, pelo menos, duas vítimas nos laboratórios de ciências da vida: o animal não humano (a rã em carne viva, o gato dissecado, etc) e o estudante humano, o jovem ou a jovem que, na maioria das vezes, sem pensar sobre o que está acontecendo, realiza a vivissecação do animal porque lhe foi pedida.

A maioria dos jovens usa o slogan do questionamento da autoridade, mas não muitos deles têm feito isso nos laboratórios de ciência. Nestes ambientes, geralmente próprios para o questionamento, jovens pessoas têm historicamente seguido obedientemente às ordens dos instrutores. O fato de que eles poderiam ser presos e denunciados, no caso de fazerem fora dos laboratórios tudo aquilo que eles fazem dentro do laboratório, não parece levá-los a pensar no assunto e nas implicações morais que os estudantes normalmente têm.

Contudo, as coisas estão começando a mudar. Em toda parte, existe um aumento de uma nova consciência por parte de cada vez mais estudantes. Em todo o mundo, estudantes estão começando a reconhecer e a afirmar seus direitos nos laboratórios. Poucos acontecimentos são tão importantes quanto aumento da consciência, entre os estudantes, para a luta pelos direitos dos animais. O Movimento por Direitos dos Animais é uma parte integrante do Movimento por Direitos Humanos, e, embora alguns professores pareçam ter esquecido isso, estudantes são seres humanos. Nada que nós façamos para proteger os direitos de nossos estudantes pode lesar os direitos de nossos irmãos animais.

A universidade que leciono, Universidade Estadual da Carolina do Norte (NCSU, da sigla em Inglês), não é exceção à crescente tendência de reconhecer os direitos de estudantes em laboratórios. NCSU é uma instituição financiada pelo Estado e erguida sobre as tradições de uma população majoritariamente rural. A Escola de Agricultura e Ciências da Vida tem desempenhado um papel central na história da Carolina do Norte. Grande parte dessa contribuição se deve ao tratamento de animais não humanos como recursos, e uma pequena, mas, anteriormente, tida como sacrossanta parte desse papel, gera a expectativa de que estudantes dissecarão e vivissecarão animais em laboratórios.

Tal expectativa foi debatida inicialmente, em 1984, quando uma petição foi assinada por alguns professores da universidade e enviada para o Conselho Universitário. A petição solicitava a elaboração de diretrizes que reconhecessem e protegessem o direito à escusa de consciência.<sup>3</sup> Do mesmo modo, foi pedido que um comitê fosse estabelecido para monitorar avanços no ensino de modo que excluíssem o uso dos animais em pesquisas; Tal comitê

---

<sup>3</sup> Escusa de consciência pode ser entendida como sendo a faculdade dos estudantes se recusarem a vivissecar ou dissecar animais por razões morais.

também ficou encarregado de manter os professores informados sobre eventuais avanços na área.

A decisão final do Conselho Universitário (CU) foi ambígua no que diz respeito à escusa de consciência. O sentimento prevalente foi que tinha sido feito o bastante para que tal direito fosse assegurado. Representantes da Escola de Agricultura e Ciências da Vida, assim como da Escola de Medicina Veterinária convenceram a maioria do Conselho Universitário que não havia necessidade de se fazer mais do que já havia sido feito.

Bom ou ruim, um resultado positivo advindo diretamente dessa disputa foi a disseminação de normas diretivas do direito à escusa de consciência na universidade. Embora essas políticas pudessem ter sido mais avançadas, elas apontaram em direção ao reconhecimento e proteção dos direitos de estudantes em laboratórios. Atualmente, as orientações do CU são obrigatoriamente seguidas na NCSU.

As aludidas orientações conferem proteção básica para estudantes que têm objeções morais a vivissecção e dissecação de animais. Agora, esses estudantes encontram respaldo oficial para sua escusa. O amparo normativo, entretanto, exige que novas regulamentações sejam feitas para os casos em que instrutores e estudantes não consigam chegar a um acordo sobre alternativas às tarefas. Essas políticas não garantem que os valores dos estudantes sempre serão respeitados, o que elas garantem é que os estudantes serão ouvidos e seus valores levados em consideração, vez que tais diretrizes aumentam as possibilidades da universidade reconhecer e legitimar o direito dos estudantes conscientemente se negarem a dissecar e vivissecar animais.

Resta saber qual será a efetividade destas políticas quando postas em prática. Observadores estão acompanhando os próximos desdobramentos, e eu considero a repercussão pública dessas diretrizes uma considerável, embora pequena, conquista na NCSU, bem como um avanço que toda a comunidade acadêmica, independentemente de escola ou disciplina, deve, de certo modo, se orgulhar. Frise-se que se trata de um avanço e não de uma vitória das “forças irracionais” que guiam o movimento de direitos dos animais.

O ensaio que segue, é o texto de 1984, feito para uma apresentação prévia a reunião do Comitê de Comunicação do CU. A petição assinada precede o texto, que por sua vez, vem seguida do relatório do Comitê. As políticas existentes não são as melhores possíveis, e esperamos que outras universidades possam ter experiências ainda melhores. Embora a NCSU tenha saído na frente, muitos passos ainda precisam ser dados.

No que diz respeito a conexão entre direitos dos estudantes e direitos dos animais, devemos lembrar a máxima “Libertação animal é libertação humana”, e para este caso, a

recíproca é verdadeira. A libertação de estudantes nos laboratórios também representa a libertação desses animais, os quais, caso contrário, morreriam lá. Progresso real para nós é progresso real para eles.

---

Magnífico Reitor,

Vimos por meio deste levantar questões e solicitar informações a respeito dos procedimentos adequados para a instituição de uma política de uso de animais em laboratórios no campus. Verifica-se o aumento da resistência da comunidade em dissecar animais sempre que se mostra possível atingir os mesmos fins através de outros meios. A universidade tem uma singular oportunidade de desempenhar o papel histórico de reconhecer o direito de estudantes a seguir seus princípios.

A seguinte declaração de princípios, uma vez adotada no campus, poderia ajudar na institucionalização desse direito.

A Universidade Estadual da Carolina do Norte reconhece a existência de métodos alternativos à dissecação e/ou vivissecação de animais para o alcance dos objetivos didáticos nos laboratórios de ciências da vida. Todos os métodos alternativos existentes devem ser incorporados às aulas práticas atuais e futuras. NCSU reconhece o direito de todos os estudantes utilizarem métodos alternativos, e os estudantes devem ser informados desse direito no início de cada semestre pelo responsável da matéria e pelo instrutor de aulas práticas. Nenhum estudante deverá ser penalizado por exercer esse direito.

NCSU deve estabelecer um comitê permanente para monitorar o uso de animais em laboratórios, do mesmo modo que já vem sendo feito quando se utilizam cobaias humanas. A criação do comitê deve levar em consideração (1) a proteção dos direitos dos estudantes que preferem usar métodos alternativos, (2) a garantia que os métodos alternativos à vivissecação e a dissecação existentes em outras universidades e capazes de satisfazer as exigências acadêmicas sejam disponibilizados para os estudantes da NCSU, e (3) a

necessidade de desenvolvimento de novos métodos que não envolvam a dissecação e a vivissecção de animais e sejam capazes de alcançar objetivos acadêmicos referentes às ciências biológicas.

Solicitamos que este documento seja distribuído para todos os órgãos universitários competentes, tais como departamentos e colegiados. Aguardamos resposta do magnífico reitor tão logo seja possível.

A carta reproduzida acima foi assinada por mais de cem professores da NCSU.

O fato que motivou a petição em estudo pelo comitê foi o pedido de ajuda de um estudante da NCSU, que se opunha à dissecação e a vivissecção de animais, mas que, por motivos acadêmicos, pretendia cursar uma disciplina de ciências da vida. Consultas feitas em nome do estudante revelaram a inexistência de uma política que protegesse e reconhecesse as suas convicções morais em aulas de laboratório. Aquela época, isso me pareceu, assim como me parece agora, um insatisfatório estado de coisas. Tal situação, com um modesto esforço, um pouco de tempo, e a ajuda de alguns poucos colegas de departamento, mostrou que as esperanças de uma universidade melhor não são só minhas.

Esse estudante não foi o primeiro e não será o último a pedir esse tipo de ajuda no nosso campus. Minha experiência indica que existe uma crescente tendência por parte dos estudantes a se escusar, por princípios, de vivissecar e dissecar animais e, ao mesmo tempo, procuram meios alternativos de atender às legítimas expectativas acadêmicas das disciplinas que usam animais. Quantos estudantes, no futuro, se negarão a dissecar e vivissecar animais, não posso prever.

Como Andrew W. Rowan (Universidade Tufts) observa, se negar abertamente a fazer o que outros consideram uma etapa essencial do trabalho de ensino em ciências biológicas exige uma dose extra de coragem, na ausência de normas expressas que regulamentem as aulas. Por essa razão, como Rowan indica, deve existir um número maior de estudantes que guardam princípios contrários a vivissecção e dissecação de animais do que o número que, na falta dessa regulamentação clara, têm a coragem de tornar pública as suas objeções.

Números, por si só, não provam nada. Nem aqueles que querem manter o *status quo*, nem aqueles que lutam pela mudança devem ser persuadidos por uma mera contagem de estudantes. Embora os números não sejam capazes de dar razão a um dos dois lados da

discussão, devemos, acredito, estar atentos a duas coisas: o número de estudantes que enfrentaram um sério conflito moral entre seus princípios e os procedimentos comumente usados em laboratórios de ciências é crescente, e a parcela real do corpo discente que rejeita a vivissecação e dissecação de animais, mas ainda não se manifestou abertamente, é maior do que se imagina.

O que podemos fazer para encorajar tais estudantes a manifestarem seus princípios morais? Essa não é uma pergunta fácil. Valores fundamentais, incluindo crenças sobre os direitos dos estudantes e liberdade acadêmica dos professores, devem ser considerados de forma justa e, se possível, cuidadosamente balanceados. Esse não é o momento para acusações descontroladas, nem para decisões apressadas, e eu devo manifestar, porquanto é merecido, meu sincero apreço pela forma justa e abrangente pelos quais o estudo do comitê vem sendo feito.

Até onde eu sei, nenhuma universidade americana realizou essa cuidadosa operação de balanceamento da situação; certamente nenhuma universidade reconhece e protege o direito à escusa de consciência sem penalizar o estudante que recusa a vivissecar e dissecar animais. Se nós tomarmos essa decisão aqui, conforme a petição solicita, nós estaremos sendo os primeiros e, em sendo os primeiros, me parece que nós serviremos como um modelo para todas outras universidades. Não tenho a menor dúvida de que, brevemente, a escusa será reconhecida se não aqui, ou em outro lugar, e se não acontecer enquanto resultado de nosso esforço coletivo, ocorrerá de alguma outra forma.

Então, por que aqui? Por que NCSU deve ser o primeiro instituto, sobretudo se considerarmos seu compromisso histórico com alta tecnologia e com ciências da vida, a instituir políticas de preocupação animal? Minha resposta é que, exatamente por conta desse compromisso tecnológico, pelo uso de animais, bem como pelos nossos ideais educacionais compartilhados, nós devemos assumir uma posição de liderança nesse assunto. Não existe nada, repito, nada, anticientífico na petição. A ciência não está sendo condenada, nem os cientistas estão sendo considerados malignos. Não se trata de solicitar a substituição de pesquisas científicas pela disseminação de conhecimento científico através de mágica ou de encantamentos. Queremos (1) uma política que permita aos estudantes serem livres para escolherem as melhores formas de adquirirem conhecimento dentre métodos tradicionalmente consagrados e alternativos, (2) um compromisso de nossa universidade para buscar e disseminar conhecimento sobre métodos alternativos. A petição não reivindica um suposto direito do estudante de fazer má ciência ou de não fazer ciência, mas sim, se baseia no

reconhecimento do direito dos estudantes de adquirir conhecimento científico, quando isso é possível, através de práticas que diferem daquelas tradicionais.

Juntamente com o crescimento da liberdade dos estudantes, existe um crescente aumento na sua responsabilidade. Estudantes que exercem essa liberdade não terão notas sem fazer qualquer exercício; eles serão requeridos a cumprir com suas obrigações acadêmicas assim como qualquer outro estudante faria, de maneira satisfatória ou não, mas sempre cumpri-las. No caso daqueles estudantes cujos princípios morais não conflitarem com a prática de vivissecar e dissecar animais, não existe qualquer solicitação na petição no sentido de negar-lhes essa oportunidade. Através da expansão do leque de opções disponíveis para todos os estudantes, não estaremos diminuindo o leque de possibilidades para nenhuma pessoa. Nenhum estudante terá que fazer o que ele acredita ser moralmente errado. Pelo contrário, a petição foi precisamente elaborada para evitar o peso moral de tais conflitos.

Talvez alguém diga que nós aumentaremos as possibilidades de escolha dos estudantes pelo preço da limitação do exercício legítimo da liberdade acadêmica dos instrutores. O comitê e o Conselho Universitário serão obrigados a considerar seriamente esse argumento. Não me oponho à liberdade acadêmica, aliás, quem na vida acadêmica poderia se opor? Temos que nos preocupar, entretanto, com a nossa compartilhada convicção do grande valor que há em pedir para que não se carregue mais peso moral do que realmente se deve carregar. Métodos tradicionais não são absolutos, nem mesmo nas ciências, onde nos últimos anos, por exemplo, tivemos que reconhecer e implementar restrições importantes em casos onde seres humanos são utilizados.

O verdadeiro dilema pode ser descrito supondo que um estudante poderia aprender a mesma informação científica, sem dissecar ou vivissecar animais, ao mesmo tempo em que outros estudantes o fazem, supondo que o estudante tem sinceras objeções morais contra dissecação e vivissecção. Então, seria correto dizer que é uma violação da liberdade acadêmica, que seja permitido que o estudante possa ir a busca por conhecimento sem dissecar ou vivissecar animais? Eu também não consigo compreender como isso pode ferir a liberdade acadêmica do instrutor. No meu sentir, a responsabilidade do instrutor é respeitar as convicções éticas dos estudantes, sempre que o conhecimento necessário possa ser obtido por meios alternativos que respeitem as convicções dos mesmos.

Nesse caso, surge uma restrição moralmente justificada a liberdade acadêmica do instrutor. Aqueles que fazem juízo diferente, devem acreditar que é moralmente permitido para os instrutores, requererem que estudantes realizem tarefas em que os mesmos acreditem serem moralmente abomináveis, mesmo quando o conhecimento procurado pode ser obtido

através de práticas que não conflitem com os princípios morais dos estudantes. A liberdade acadêmica não comporta essa última possibilidade, e só me resta esperar que, os que se orgulham dessa universidade e suas tradições, concordem comigo. As responsabilidades que nós temos, enquanto professores, com os nossos estudantes, limitam a abrangência da liberdade acadêmica, neste e em outros casos similares.

Alguns dirão que não há alternativas à vivissecção e à dissecação de animais; possivelmente outros dirão que alternativas não podem ser encontradas. Essas são situações que devem ser enfrentadas em nossas deliberações. Alguns pontos dessa discussão requerem mais capacidade técnica do que eu suponho possuir. Eu não posso ajudar dando minhas opiniões, entretanto, se os assuntos são prévios a mim. Mesmo hoje, existem programas de computador que podem ser e estão sendo usados em laboratórios de ciências da vida. O desenvolvimento e utilização de tais programas e de metodologias de ensino desses programas são campos crescentes, e que gozam de grande prestígio na ciência. Nessa relação, permita-me, primeiro, mencionar as simulações desenvolvidas pelo Dr. James R. Walker e a utilização em laboratório na Universidade do Texas. Permita-me, ainda, mencionar os trabalhos feitos nessa área, por Dr. L. Tucker, na Escola de Medicina da Universidade do Colorado; Dr. E. Glaser, da Escola de Medicina da Universidade de Maryland; Dr. H. Feldman, da Escola de Saúde Pública da Universidade de Harvard; Dr. R. Randall, da Escola de Medicina da Universidade de Indiana; e Dr. T. Coleman, do Departamento de Psicologia da Universidade do Mississippi. Muitos desses trabalhos, para um leigo como eu, é esotérico; não estou dizendo que conheço todas as questões envolvidas na pesquisa que esses professores estão fazendo. Apenas estou manifestando a mais modesta das opiniões e afirmando que a pesquisa está sendo feita de maneira alternativa. A busca por e a utilização de alternativas biomédicas em sala de aula está na fronteira da ciência contemporânea.

Tal tipo de pesquisa está sendo feita, tendo sua validade confirmada pela existência dos centros de alternativas para testes com animais nas Universidades Johns Hopkins e Duke. A importância da realização e implementação de pesquisas alternativas está ganhando crescente atenção do público, de grandes institutos de pesquisas e crescente financiamento estatal. Permita-me, finalmente, citar Neil Wolff, DVM, ao escrever sobre manequins de cachorro em pesquisas veterinárias. Dr. Wolff escreve que com essa inovação há dois efeitos de longo alcance. Primeiro, uma alternativa viável para o uso, abuso e conseqüente morte de animais; permitindo aos estudantes de veterinária e demais estudantes a continuar praticar e refinar suas técnicas de ressuscitação cardiopulmonar sem (ironicamente) matar os animais nos quais eles estão ensaiando técnicas de salvamento. O manequim é bem real e possui luzes

que piscam e um simulador de pulso monitora a efetividade dos esforços de um estudante em manter e estimular os sistemas respiratório e circulatório de um cão. Num futuro próximo, outras características serão adicionadas ao modelo, tal qual um monitor de eletrocardiograma acoplado e esperamos que um sistema de computador seja capaz de simular variações de emergências cardíacas e pulmonares na vida real. Além disso, manequins de outros animais podem ser desenvolvidos.

O segundo efeito desse cão sintético é que abre as portas para outras possibilidades onde modelos poderão efetivamente ser usados em ensino. Tenho fé que, se alguém objetou à petição, sob o argumento de que não existem alternativas à vivissecção e dissecação de animais, que nem poderão ser encontradas e nenhuma será usada – certamente levará em consideração tais fatos. A quantidade de evidência disponível sustenta cabalmente duas das proposições que me apresso em defender: primeiro que a pesquisa de alternativas está completamente afinada com a ciência respeitável, e segundo, que não existe qualquer razão para NCSU, dado seu crescente compromisso com a exploração de uso de alta tecnologia, não poder desempenhar um papel de liderança, por exemplo, desenvolvendo sofisticados modelos de computadores em laboratórios de ciências da vida. Temos uma rara oportunidade para mostrar que os avanços em ciência podem ser combinados com os avanços no reconhecimento da sensibilidade ética de nossos estudantes, para mostrar que nossos métodos de ensino são progressistas, não estáticos, e mostrar que nós somos capazes de responder positivamente para os novos desafios sem animosidades ou ódio.

Acredito que não é irrelevante perguntar para nós mesmos como estudantes respondem quando têm a oportunidade de fazer estudos de laboratório usando animais. Dr. Roland M. Nardone, Diretor do Centro Avançado de Treinamento em Biologia Celular e Molecular da Universidade Católica, tem dado cursos de férias sobre técnicas alternativas, nos quais 75 estudantes de todos os Estados Unidos freqüentaram aulas no verão passado. Alguns se inscreveram porque eles tinham forte oposição moral à vivissecar e dissecar animais; outros não traziam essas crenças. Como amostra das respostas positivas que os estudantes deram ao fim do curso, vejam o seguinte:

Dr. Nardone me deu inestimável visão sobre o assunto de métodos alternativos para pesquisa animal. Ms. Rene Filipowski, coordenador do curso, me ajudou a aplicar esses métodos alternativos no laboratório através de práticas laboratoriais adequadas e “pondo a mão na massa”. Meu objetivo é fazer Medicina e me envolver com pesquisa biomédica, e é inquestionável que esse curso de férias influenciará minhas pesquisas.

A melhor matéria que fiz em toda minha vida acadêmica. Dr. Nardone e seu pessoal apresentaram um inacreditavelmente brilhante e prático curso em técnicas de laboratório e filosofia de experimento científico que me encorajaram a investigar minhas responsabilidades como um futuro profissional biomédico. A experiência de laboratório...foi excelente e atendeu a padrões que dificilmente encontrarei novamente em minha faculdade...

Dr. James R. Walker, mencionado anteriormente, foi gravado quando disse que “a aceitação dos estudantes (da simulação computacional) tem sido bastante favorável”.

Posto tudo isto, estou convicto que preocupações com liberdade acadêmica permanecerão por algum tempo na cabeça das pessoas. Professores de Filosofia podem dizer que não deve ser requerido, enquanto uma política universitária, que sejam disponibilizadas alternativas para estudantes, sempre que esses passam por um conflito moral ao se submeter a alguma atividade acadêmica. Por que, então, os instrutores de ciências da vida devem receber tratamento diferenciado e os de filosofia não? Se nós respeitamos liberdade acadêmica em um caso, não deveríamos respeitá-lo no outro também?

Pelas razões expostas acima, eu acredito que estamos frente a situações distintas. Acredito que existem importantes diferenças nos dois casos, diferenças que incluem no seguinte:

- Não existem evidências que estudantes passam por conflitos morais em atividades no curso de Filosofia; ao passo que existe um crescente número de evidências que nos informam que estudantes se deparam com conflitos morais quando precisam dissecar ou vivissecar animais.

- Não existem evidências de que alguém pode ensinar a história dos principais filósofos da Grécia antiga, por exemplo, procurando por alternativas a Platão e Aristóteles; ao passo que existe crescente evidência de que alguém pode aprender bastante em laboratórios de ciências da vida sem ter que vivissecar e dissecar animais.

- Não existem evidências de que o público tem um crescente interesse, expressado pela alocação de seus poucos recursos financeiros, em achar alternativas para o uso da República de Platão e a Metafísica de Aristóteles em cursos de Filosofia grega antiga; ao passo que existe cada vez mais evidências de que o público tem um interesse vital no desenvolvimento e uso de alternativas para o uso de animais em laboratórios de ciências da vida.

- Não existe evidência que qualquer estudante neste campus não pode estudar Filosofia por questões morais ao realizar as atividades da disciplina, ao passo que nos cursos de ciências da vida há tais evidências.

As questões que esse Comitê e o Conselho Universitário devem decidir são se essas diferenças, juntamente com as outras considerações oferecidas acima, clamam pelo tipo de resposta institucional posta na petição, e se suas provisões podem ser adotadas de modo que os direitos dos estudantes sejam protegidos sem violar os princípios de liberdade acadêmica. Tentei indicar, dentro do objetivo da oportunidade que me foi dada, e da qual sou muito grato, porque acho que as indicações da petição devem ser adotadas.

Duas últimas considerações finais. Geralmente, professores compartilham muitos ideais sobre liberdade acadêmica. Dentre estes ideais, suponho, está a esperança de que nossos estudantes aumentarão, e não diminuirão, sua capacidade para ação autônoma como resultado da associação deles conosco. Todos nós, envolvidos com educação superior, devemos esperar contribuir de algum modo para a formação moral de nossos estudantes, ajudando eles a pensar e agir de modo que respeite o direito de outros, e não temer a afirmação de seus próprios direitos quando as ocasiões requererem isso.

Enquanto educadores, nosso atual desafio é procurar o novo, protegendo o velho, meios que criem e sustentem um ambiente educacional que fomente a realização desses ideais. A história conta que, procurar o novo, é freqüentemente mais difícil, do que proteger o velho. A história também nos trouxe a este ponto de procurar algo novo, algo que protegerá, e não punirá, o senso de certo e errado de um estudante, e fará sem comprometer os cânones de ciência ou a disseminação do conhecimento científico. Temos uma oportunidade de dar respostas afirmativas e inovadoras para o nosso campus. Se eu pareço falar por todos aqueles que assinaram a petição, permita-me dizer que espero ter feito isso o mais e melhor possível.

Por fim, tenho em toda a minha apresentação, enfrentado as questões sob a ótica exclusiva da dicotomia entre direitos dos estudantes e liberdade acadêmica. Nada que eu tenha dito invocou ou pressupôs a validade dos direitos dos animais. Não estou certo se o Conselho Universitário e os regulamentos da universidade permitiriam considerar os méritos das políticas da Universidade, baseadas na idéia de direitos dos animais, mas desde que a petição não aborda essa discussão, não entrarei nesse assunto.

**POLÍTICA DE ESCUSA DE CONSCIÊNCIA NA  
UNIVERSIDADE DO ESTADUAL DA CAROLINA DO NORTE – NCSU**

1. Os comitês da NCSU, a partir de políticas, princípios e procedimentos, funcionam para monitorar e proteger animais em laboratórios, e o comitê de comunicação encoraja os departamentos a continuar a procurar alternativas em outras universidades para a atualização de todos os procedimentos relacionados.
2. Técnicas de ensino distintas das que usam animais estão sendo utilizadas sempre que possível. Adicionais métodos progressistas de ensino serão periodicamente revistos e disseminados, bem como os instrutores apropriados serão encorajados a considerar tais técnicas alternativas.
3. Se um graduando recusar a dissecar e vivissecar animais, ele terá várias opções: (a) o estudante poderá escolher matérias que não requeiram uso animal. (b) o estudante poderá pedir permissão para observar o uso do animal ou participar em um procedimento alternativo. (c) se as opções (a) e (b) não forem suficientes, o estudante poderá encaminhar a objeção para o chefe de departamento e para o diretor da escola. (d) o estudante poderá escolher encaminhar a objeção para o seu orientador, o chefe de seu próprio departamento ou o diretor de sua própria escola.